

## Reflexões sobre a concepção “Urge<sup>1</sup> to exist” em Bion<sup>2</sup>

Gisèle de Mattos Brito<sup>3</sup>, Belo Horizonte

Resumo: A autora busca refletir o uso que Bion fez da concepção “*Urge to exist*” em sua obra. Destaca que este é um termo que surge, dentro de discussões clínicas, como um elemento a iluminar vivências muito profundas e dolorosas. Ressalta que estamos em uma área, designada por Bion, da mente primordial; uma dimensão de mente inacessível presente nos primórdios da vida mental, em que a pessoa se sente assolada por um impulso que, segundo Bion, a escraviza. Em seu entendimento o *urge to exist* é uma turbulência — “força, poder, energia” — que irrompe na mente consciente/inconsciente de modo dilacerante e não dá à pessoa a chance de se defender, pois é violento e destrutivo. Ele é e cria a turbulência, gerando terror e culpa. Propõe que o “*Urge to exist*” sejam Elementos  $\beta$  brutos, que não sofrem a transformação pela função  $\alpha$  e estão presentes na dimensão de O. Destaca ainda que Bion o descreve que este impulso pode levar o paciente ao suicídio.

PALAVRAS-CHAVE: Mente Primordial; *Urge to Exist*; consciência moral primitiva; cesura; tropismo; sentimento de ser só e ao mesmo tempo dependente.

---

1 Não existe em Português um “urge” como substantivo, ele é um verbo; mas, como não há uma forma de dar o forte significado que Bion imprime nesta palavra, penso que seria importante criar este anglicismo.

2 Trabalho apresentado em Reunião Científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo no dia 19/08/2021 às 21hs. O trabalho teve como comentador João Carlos Braga e Maria Bernadete A. Contart de Assis, como coordenadora. Este trabalho é parte do livro publicado pela autora: A mente primordial: Entre luz e sombra, ed. Blucher, 2023.

3 Psicóloga e Psicanalista. Rua Antônio de Albuquerque, 156/910. Funcionários – Belo Horizonte-MG. Cep: 30112-010. Tel: 31- 32253574 31-988556678. [giseledemattosbrito@gmail.com](mailto:giseledemattosbrito@gmail.com), [www.giselebrito.com.br](http://www.giselebrito.com.br)

Gisèle de Mattos Brito

*“...Suponho que devido a minha parcialidade, que na análise estamos lidando com algo, algo que é muito difícil de descrever...” Bion (1976c, p.244)*

*“Podemos lidar com coisas que são tão delicadas que são praticamente imperceptíveis, mas que são tão reais que podem nos destruir, quase sem que estejamos cientes delas. Esse é o tipo de área que temos de penetrar.”*  
Bion (1976c, p.246)

Há algum tempo, encontro-me curiosa e intrigada sobre o uso que Bion faz da concepção “*Urge to exist*”. São muitas as dúvidas! Esse “*Urge to exist*” estaria ligado à pulsão de vida, retratando, desta forma, uma urgência em viver? Ou estaria ele ligado à pulsão de morte, de forma a dar existência a uma força incontrolável, que pode, às vezes, levar a pessoa a cometer suicídio? Ou ainda uma conjectura de algo psicológico desvinculado da pulsão? Bion ousa formular conjecturas imaginativas para pensar toda uma área das experiências do bebê intrauterinas.

Pelo dicionário, viver e existir são sinônimos. Bion, esforça-se para descrever uma configuração na dimensão da mente primordial. Conjectura uma configuração ligada às impressões do bebê ainda dentro do útero, quando não há recursos mentais para sua elaboração. Muitas perguntas emergem. Qual seria a ligação com a consciência moral primitiva? E qual a ligação com o sentimento de ser só e ao mesmo tempo dependente? Haveria uma ligação entre a ideia de Tropismos e “*Urge to exist*”?

Este é um termo que surge, dentro de discussões clínicas, como um elemento a iluminar vivências muito profundas e dolorosas. A pergunta que me faço é: Qual o papel da *Cesura*? Buscarei refletir um pouco sobre tudo isso por meio da análise de fragmentos de supervisões, fragmentos teóricos e clínicos.

Para nos situarmos, penso ser importante destacar que estamos em uma área, designada por Bion, da mente primordial; uma dimensão de mente inacessível. Estamos nos primórdios de uma vida mental, em que a pessoa se sente assolada por um impulso que, segundo Bion, a escraviza. Em *to a Key to a Memoir to the Future*, Bion (1981) diz:

## Reflexões sobre a concepção “Urge to exist” em Bion

“O impulso para existir é postulado como um forte impulso (“urge”), do qual o indivíduo é “escravo”. Provoca rebeldia contra seu domínio. Esta rebelião encontra sua expressão extrema em autoassassinato”. II36. P.31

Bion descreve o desespero de um paciente na Supervisão S11:

Agora, eu posso sugerir, novamente, que essa coisa ruim dentro é, realmente, sentida como muito determinada a ter uma vida sexual. Portanto, ela o usa, usa sua boca, seu pênis, seu ânus, com o propósito de ter uma vida sexual. Ela, também sentiu que ela não se importa com o que ele é. De modo que ele tem de ter um intercurso com o que quer que seja essa coisa com a qual ele insiste em ter intercurso. Qualquer coisa!! Mas, um dos perigos nisso é: ele sente que o mesmo objeto o forçou a procurar a análise, quer ele queira ou não. Assim, ele está assustado com a situação na qual todo ele é forçado: ele não quer análise, ele não quer relações sexuais, ele não quer intercurso nenhum, ele não quer ter um intercurso conversacional. Mas essa coisa dentro dele está determinada a explodir para fora e ter um intercurso, usando-o para tal propósito!!

Resumidamente, eu tentaria, penso eu, revelar sua falta de esperança fundamental e desespero, por uma coisa. Mas por debaixo, a falta de esperança e desespero é ódio e ressentimento em relação a essa situação sem esperança. Portanto, há sempre o medo de que ele: ou não faria nada, ou explodisse e matasse alguém. Agora, a pessoa que está sempre à mão, sempre disponível para assassinato é ele mesmo.

Minha impressão é que Bion conjectura a existência de uma força disruptiva que irrompe e provoca enorme turbulência emocional. O indivíduo seria tomado por vivências, sentimentos assustadores. Frente a algo tão desconhecido e assustador poderia se rebelar sob a forma de suicídio. Como me disse João Carlos Braga: “*Estamos ousando investigar uma faixa de um mistério.*” O que foi ganhando sentido para mim é que essa “força, poder, energia”, que urge para existir, permeia toda a dimensão da mente primordial. Assim, passo a correlacionar este urge to exist, por meio de supervisões clínicas e fragmentos de atendimentos por mim realizados, à consciência moral primitiva, ao sentimento de ser só e ao mesmo tempo dependente, ao tropismo e à cesura.

## **Urge to Exist e a Consciência Moral Primitiva**

Junqueira & Braga (2009) descrevem, em seu trabalho, que:

Em outra aproximação, podemos dizer que “Consciência moral primitiva” ilustra a dimensão dos “pensamentos sem pensador”. Com os sentimentos de “dependência e de ser inteiramente só” e do “urge para existir”, constitui manifestação identificada com uma mente primordial, enraizada no funcionamento cerebral e glandular pré-natal, permitindo-nos um vislumbre de uma dimensão da mente que nos fica inacessível com a cesura do nascimento. É um conceito que surge com os últimos acréscimos feitos por Bion em seu modelo da mente (1976-1979).

Na supervisão A5 de Bion, ele parece ligar o “*Urge to exist*” à consciência moral primitiva. Neste caso, a paciente seria levada a interromper a análise pela pressão de uma consciência moral, que dita àquilo que ela não pode fazer; que surge como impedimento a seu desenvolvimento.

A paciente se encontrava as voltas com a ideia de interrupção da análise para que, com o dinheiro economizado, possa ajudar a irmã pagar o divórcio.

Bion:

Mas parece que se ela gastar seus recursos de tempo e dinheiro com ela mesma, ela iria se sentir tão culpada que não aguentaria. Eu não sei se diria alguma coisa a respeito disso a ela, nesse momento, porque não sei se ela aguentaria – eu provavelmente iria querer ouvir algo mais. Mas enquanto isso, eu guardaria para mim o fato de que essa é uma culpa básica, fundamental. Levando isso um pouco adiante: eu quero dizer que é o tipo de consciência que – se a pessoa tivesse uma visão religiosa – ela chamaria de pecado original. Mas do meu ponto de vista, eu penso que esses são sintomas de uma consciência muito perigosa e fundamental – básica, como eu disse – que é mais uma desvantagem do que vantagem. Agora, porque eu pensaria isso, porque eu estou pensando isso é: porque (essa consciência) não diz para ela o que ela deve fazer; apenas diz para ela que está errado, o que ela não deve fazer...

## Reflexões sobre a concepção “Urge to exist” em Bion

...Eu poderia colocar nesses termos: duas crianças – duas crianças jovens – precisam de um pai/mãe, porque o pai/mãe tem bastante experiência. Essa consciência primitiva não tem experiência, portanto essa consciência primitiva não sabe o suficiente para saber como cuidar de duas crianças. Agora, a mãe experiente está propensa a ser muito severa porque ela está sempre dizendo: “Não faça isso, não faça aquilo, não seja malcriado, não...” e assim por diante... até o infinito. Mas, de fato, a mãe experiente – apesar de frequentemente dizer: “Não faça isso e daí por diante” – é muito mais indulgente, muito menos severa que a consciência inexperiente. Portanto, o perigo de deixar duas crianças sozinhas, não é só pelas coisas impróprias que elas vão fazer, coisas más, mas porque elas vão ficar à mercê de uma consciência bastante inexperiente, muito severa e muito cruel. Portanto, apesar e parecer que a mãe é severa, de fato, o que é verdadeiramente importante a respeito disso é que suas consciências serão muito severas se não houver uma mãe lá. Portanto, o perigo não é só as perversidades que a criança fará, ou as coisas erradas que a criança vai fazer, mas também quais coisas erradas essa cruel consciência fará. É claro, que num estágio muito mais tardio, o perigo desse tipo de sistema moralista é que ele pode impor sem necessidade uma sentença de morte. Em outras palavras, é um tipo de consciência que pode levar o paciente ao suicídio...

Entendo que Bion está apontando o risco de que a consciência moral primitiva irrompa na mente e não encontre um continente capaz de contê-la. Na situação das crianças, a mãe seria esse continente, muito menos severa que a consciência moral primitiva, que urge para existir.

A consciência moral primitiva não está preocupada com a pessoa; nesta conjectura seria tomada por uma força que quer existir e a pessoa não encontraria defesas para se proteger. Entendo que o aspecto assustador, de terrível sofrimento psíquico, é a vivência de vulnerabilidade a vivências sentidas como presentes e atuantes dentro do *self*, o qual a pessoa não tem como se libertar e busca, na análise, de forma desesperada, um continente para conter seu desespero e impulso para tirar sua própria vida.

Junqueira & Braga (2009) conjecturaram que essa consciência moral primitiva estaria ligada a restos de experiências pré-natais, portanto, presentes antes do nascimento. Com a cesura do nascimento, essas experiências ficariam inacessíveis; seriam registros presentes na dimensão de uma mente inacessível, primordial. Mais uma vez citarei Junqueira & Braga (2009):

O feto experimenta diferentes sensações (proto-emoções e proto-ideias) com a qualidade terrorífica, sendo capaz de registrá-las no cérebro, mas sem dispor de uma mente para com elas lidar. A qualidade terrorífica seria o registro desta inundação, vivida como aniquilação do que é sentido como a vida; (2) Forma-se um núcleo de registro destas experiências de “nadificação”, cuja estimulação passa a ser imperiosamente evitada. Para tal, forma-se uma entidade proibitiva, uma moralidade primordial, que tenta impedir a revivificação destas experiências; estes registros terroríficos são vivificados em posteriores experiências de possíveis transgressões às imposições (alucinadas) de uma entidade primitiva, predatória e arbitrária – uma moralidade primordial; (3) o mecanismo da identificação projetiva já está disponível ao feto em desenvolvimento; e (4) ocorre uma cesura, ligada ao nascimento, que torna estes registros primordiais inacessíveis à mente que se desenvolveu, com as qualidades de consciente/ inconsciente.

Braga (2020), expande e aprofunda essa compreensão, evidenciando que estas experiências constituem as bases da formação do Superego. Vejam o que diz Braga (2020):

O que Bion propôs como original foi: (1) uma abordagem da moralidade por meio das funções que o superego desempenha na dinâmica mental como parte do desenvolvimento do pensamento e (2) o reconhecimento de formas muito primitivas de manifestações da consciência que datam de um período ontogeneticamente anterior às relações objetais, isto é, anterior ao superego arcaico descrito por Klein. Assim, na concepção de Bion de uma mente multidimensional, que pode ser comparada ao modelo das camadas sobrepostas de uma cebola, encontramos simultaneamente, em cada indivíduo, diferentes estágios de desenvolvimento do superego: (1) uma dimensão com funcionamento mental simbólico, no qual a influência dos pais e da cultura estará presente (Freud 1923), (2) uma dimensão primitiva organizada de acordo com as primeiras relações do objeto (Klein 1933) e (3) uma dimensão formada por resquícios de uma mente primordial, organizada em torno de experiências pré-natais anteriores às experiências de relações objetais, que Bion chamou de “consciência moral primitiva” (*primitive conscience*).

## Reflexões sobre a concepção “Urge to exist” em Bion

Minha impressão é que o que Bion conjectura – Junqueira&Braga (2009) e Braga (2020) sistematizam essas conjecturas – seriam experiências vividas pelo feto ainda dentro do útero, que ganhariam essa qualidade terrífica porque o bebê não tem um tecido mental constituído para acolher e pensar essas experiências. São vivências assustadoras, traumatizantes, que surgem à medida que o bebê é invadido por algo do qual não tem como se defender; está vulnerável a essas vivências de terror, culpa e ansiedades avassaladoras. Essa primitiva consciência se organizaria por meio dos registros dessas experiências pré-natais. Esses registros de consciência moral primitiva urgiriam por uma existência, irrompendo nos estados de mente consciente/inconsciente. Seriam forças primordiais que ‘urgem para existir’. Essa mente primordial abarcaria uma das dimensões da mente, sendo as outras duas a protomente e a mente propriamente dita.

A protomente, como descreveram Junqueira e Braga (2009), buscaria transformar estímulos mais somáticos, sensoriais; já a mente propriamente dita trabalhando no campo mais simbólico, com criação de pensamentos, de representações.

Portanto, Bion nos propõe pensarmos em uma dimensão muito pouco explorada, mas extremamente importante na história de cada indivíduo. Aproxima-se da visão pulsional de Freud, com a noção de Pulsão de vida e morte aplicada às experiências vividas pelo feto em desenvolvimento. Para Freud (1980 {1923}), a pulsão de morte surge como opositora às pulsões de vida e às pulsões sexuais. Uma força pulsional violenta e destrutiva da vida, da criatividade; algo ligado à filogênese, presente na história de evolução da espécie. Bion, aproxima essas experiências da ontogênese; ou seja, do período de desenvolvimento do feto e subsequentes evoluções. É nesse âmbito que o termo “*Urge to exist*” de experiência primordial foi concebido por Bion. É algo violento e ganha ainda mais força pela impossibilidade de a mente digerir e transformar. Uma questão que me surge é: Poderíamos pensar o “*urge to exist*” como a força, e a consciência moral primitiva como o sentimento?

Vejam o que diz Bion (1996) neste trecho de “Memórias do Futuro”:

**Posição Depressiva:** “Como é que a pessoa conhece um enrubescer tão invisível, um ruído tão inaudível, uma dor tão impalpável, que sua intensidade, intensidade pura, é tão intensa que não pode ser tolerada, mas precisa ser destruída mesmo que envolva o assassinato do indivíduo ‘anatômico’? (p. 62)

Gisèle de Mattos Brito

**Irmãozão:** Não sei do que é que você está falando.

**Mãezinha:** Pelo contrário, você dá a impressão de ser aquilo de que fala, mas de não saber a fala sobre aquilo. (idem, p. 62).

‘Ser aquilo que se fala’? Força e sentimento juntos? Penso que aqui podemos aproximar o caráter instintivo e o sentimento, a presença da função do pensamento desde a origem. Uma aproximação dos aspectos filogenéticos e ontogenéticos, ou seja, dos impulsos às impressões sensoriais e emocionais. Elementos  $\beta$  como matriz da formação de pensamentos.

### ***Urge to exist e o sentimento de ser só e ao mesmo tempo dependente***

O analista leva para Bion uma sessão de uma mulher que, já no primeiro contato com o analista, descreve o profundo sentimento de solidão em meio a uma multidão e seu temor de que algo pudesse acontecer sem que se fosse possível recorrer a alguém. Bion (2018, Supervisão S12, p.46) diz:

Posso interromper um instante? Eu penso que isto é algo fundamental. Eu acho que mesmo o recém-nascido - ainda que não possa verbalizá-lo - se sente dependente e se sente inteiramente só. Eles estão juntos, são ambos sentimentos desagradáveis e de fato, o que é desagradável é ser dependente e ser inteiramente só. Você os tem de uma vez. Assim, poderíamos dizer: você pode estar inteiramente só com você mesmo, inteiramente só com o seu analista, inteiramente só com uma multidão na *Regent Street*. É uma curiosa combinação de ser todo só e dependente de pessoas e coisas que não são você. Nós parecemos ser uma espécie de animal que tem que se organizar em sociedade, que tem que ter irmãos e irmãs, pais e mães, e todo um aparelho social. Nós dependemos disto e somos, ao mesmo tempo, inteiramente sós. Assim, eu penso que este ponto está sempre atual, acontece na idade de quarenta, mas acontece também na idade de quatro, como também na idade zero. Assim, eu penso que isto é, de início, um ponto fundamental.



## Reflexões sobre a concepção “Urge to exist” em Bion

E mais adiante:

...Eu penso que é, novamente, parte desta estória fundamental, em que ela não pode tolerar a situação em que ela é inteiramente só consigo mesma, mesmo quando está com outras pessoas. Em outras palavras, este self não a deixa só. Este self vai com ela; mas nós até agora não sabemos o que este self é. Este certamente não é o self com quem ela gostaria de estar só, assim, está sempre em busca de alguém. Assim, se não pode estar com você, certamente irá procurar outrem. Se não pode encontrar ninguém, então irá ao encontro de uma multidão como a de *Regent Street*. Em qualquer lugar, onde existam multidões, para evitar estar consciente de que está consigo mesma, quer queira ou não...

Este sentimento de ser dependente e, ao mesmo tempo, de se sentir inteiramente só, ou seja, de se ter um sentimento de *incompletude* básico, fundamental, é citado por Bion (1981) e em inúmeras supervisões. Define-o em “A Key to Memoir of the Future”:

Dependência e sentir-se inteiramente só são ambos estados de mente desagradáveis. Mesmo o bebê parece ter consciência de estar só e dependente da assistência de alguma coisa que não é o seu self. A percepção precoce [*early awareness*] destes sentimentos é ligada à vulnerabilidade e crueldade. O emergir junto destas manifestações sugere a presença de características básicas. O problema do analista é intuir a época e qualidade do que está observando. Pg25 II.129

Bion fala em *percepção precoce*, conjectura a possibilidade do bebê ainda no útero ter vislumbres de uma consciência que o colocaria em contato com algo violento e cruel. Solidão, vulnerabilidade...O bebê experimentando uma percepção... primórdios de sentimentos...

E mais:

...Eu gostaria de sugerir, parece-me que este *self* – do qual ela está ansiosa para fugir – é uma coisa muito difícil, mesmo para mim, de descrever. Eu sinto bastante seguro de que sei do que ela está falando, mas eu acho muito difícil descrever. A melhor maneira que tenho para descrever é: é uma forma de urge para existir. Agora, o urge para existir do qual eu estou falando, parece-me ser completamente indiferente para meros seres humanos. Este urge para

Gisèle de Mattos Brito

existir não se importa se nós morramos ou morramos ao nascer, ou de outra forma. Seus pais igualmente, o urge para existir os força a dar à luz a uma criança, quer eles desejem isto ou não. Assim, ela mesma é um produto do mesmo urge para existir. Ela está à mercê deste urge para existir. Ela está assustada de ficar inteiramente só [all-alone] com este urge para existir - que não se importa com o que possa acontecer a ela. Isto é completamente sem piedade. É a impressão que isto me transmite. Ela está, eu penso, aterrorizada por algo de que seus pais são escravos e do qual ela pode se tornar escrava também. Ela é escrava deste urge, deste impulso. Ela própria é apenas um objeto em seu caminho. Sem dúvida, tudo isto é muito teórico e muito problemático!!...

Ser “escrava esse urge, desse impulso”, amplia a percepção de solidão e vulnerabilidade, o que incrementa o sentimento de dependência e desperta ainda mais terror.

### ***Urge to exist, urgência em viver, Tropismos?***

Diante da pergunta de um dos participantes, se Bion falaria de que àquelas seriam impressões do paciente, Bion diz:

...Eu estou dizendo que são minhas, mas eu suspeito de que isto é alguma coisa de que nós todos somos vítimas. A paciente nota isto ou ela odeia isto. Odeia simplesmente ser escrava deste impulso. Não importa se ela morra ao nascer ou não, ou se ela tem dezessete ou setenta anos. Mesmo aos dezessete ela teve uma criança de que ela não pôde cuidar. Mesmo aos dezessete ela teve que ter um parceiro sexual, quer ela o desejasse ou não, ou quer ele a desejasse ou não. Ela tem suas razões para estar com medo deste impulso que a usará para produzir uma nova vida. Assim, isto é sentido como algo aterrorizador. Uma espécie assustadora de senhor dominador, não só de seres humanos, mas de todas as formas de vida, não se importando se estas formas de vida são algas, germes ou cocos e, se a raça humana for exterminada, isto ainda encontrará uma coisa ou outra, para nela continuar a existir.

A: Algo como uma teoria de encarnação?

## Reflexões sobre a concepção “Urge to exist” em Bion

**BION:** Sim, isto. Mas, se não for encarnação, então será implantação. Plantas farão o mesmo. Se não forem os bacilos serão os cocos. Se não for vida animal, será vida vegetal. Recentemente tem sido sugerida a existência de uma forma de objeto animado que não é vegetal nem animal.

Um pouco mais adiante na Supervisão, o analista faz uma observação e Bion chama a atenção para o aspecto de sermos escravizados por essa força. Vejam:

**A:** Nós odiamos este urge para viver, de um lado. De acordo com isto, eu penso que sentimos culpados, uma espécie de culpa. Culpa primária. Nascemos sentindo culpa. Como se fôssemos amaldiçoados, expulsos de um outro estado, que seria sermos sempre culpados.

**BION:** Eu penso que não é tanto este urge a viver, mas ser escravos deste urge a viver. Temos que nos alimentar, temos que nos vestir, temos que nos curar.

Quando Bion destaca que seríamos escravos de uma necessidade de nos alimentar, de nos vestir, de nos curar, estou entendendo que ele possa falar de todo um esforço nosso para não apenas sobreviver, mas fazê-lo com qualidade. Sofrer tamanhas turbulências não é uma escolha, e sim uma necessidade de permanecer vivo. Mas o indivíduo pode não suportar e escolher tirar sua própria vida.

Na Supervisão A35 (p. 5-8), o analista traz um caso em que a paciente diz que queria fazer análise, pois tinha medo de não conseguir parar algo dentro dela, que não sabia o que era, mas que sentia que poderia matá-la. Bion encaminha a conversa levando a reflexão de que a paciente se sentia aterrorizada por forças das quais não estaria ciente:

**BION:** ...A história, penso eu, está, na verdade, centrada no sentimento de que ela é uma pessoa sem importância, e que ela é escrava de forças que não se importam com ela de nenhuma forma...

...É negar o sentimento que tem um urge para existir. Agora, é difícil descrever, porque esse urge para existir, é sentido como algo que não se importa se você for um animal, ou um animal humano, um cachorro, uma cachorra, ou uma linda mulher. De fato, é completamente indiferente,

e desse ponto de vista, há um sentimento que, este urge para existir, faz uso de criaturas como cães, seres humanos, para perpetuar sua existência; mas não se importa com o que acontece com a coisa ou pessoa que usa no processo. Portanto, é uma questão de indiferença completa; é uma força completamente indiferente ao que acontece com a mãe. A mãe pode morrer; os descendentes podem ser devorados, mas tudo isso a serviço dessa força, essa força existencial, essa força de existir, esse poder para existir. Portanto, ela tem medo de ser usada simplesmente como um meio de perpetuar a existência, como se alguém pudesse dizer: “Eu não me importo com o que seja, mais plantas, mais cães, mais seres humanos. Eu não me importo nem um pouco com o que isso é. Não me importo com o que acontece com a planta, com a cachorra ou com a mãe... contanto que eu possa perpetuar meu próprio “*self*”, meu próprio urge de existir”. Portanto, a paciente está, fundamentalmente, aterrorizada de se tornar uma escrava desse urge de existir. Eu, talvez, poderia tornar isso um pouco mais claro admitindo o contrário disso. De algum modo, o oposto disso é a visão analítica, a qual é baseada no respeito ao indivíduo. A esse respeito, nossas próprias atitudes são baseadas nesse tipo de crença filosófica: na importância do indivíduo. É baseada no tipo de respeito à pessoa individual. A força, para a qual estou tentando chamar a atenção, não se importa com o que acontece com o indivíduo. Podemos colocar isso dessa forma: se a raça humana se extinguir com uma bomba de nêutrons, a força de existir não se importaria nem um pouco com isso. Eu seria apenas mais um experimento descartado. Portanto, é uma questão de indiferença em relação ao que acontece a raça humana – ou qualquer outra raça, desde que o urge para existir continue... de uma maneira ou de outra.

**P2:** Você quer dizer qualquer coisa exceto você mesmo?

**BION:** Essa ideia de você mesmo, eu mesmo, e assim por diante... está baseada no respeito ao indivíduo. Politicamente, isso significa que pensamos que o estado existe para o benefício do indivíduo, não o indivíduo para o benefício do estado. Mas essa força não tem respeito algum em relação ao indivíduo. Essa força não se importa se você é um ser humano, um cão, ou bacilo, ou uma alga, contanto que a existência continue... o que acontece com a existência individual é questão de indiferença. Agora, eu não acredito que seja bom dizer isso a paciente. Penso que é algo simplesmente útil – que seria útil para mim, se eu estivesse analisando essa paciente – mas, eu esperaria qualquer coisa que se encaixasse nessa teoria básica; eu esperaria, durante todo o tempo, que isso brotasse onde essa paciente está travando uma guerra contra essa força; desejando

## Reflexões sobre a concepção “Urge to exist” em Bion

continuar a ser uma pessoa, querer continuar a ser uma pessoa bonita, e assim por diante... e não gosta de ser uma escrava dessa força (*power*).

A: Dessa?

**BION:** Dessa força, desse poder, dessa energia. (To that force, that power, that energy)

A: Bem, outras ideias me vieram agora... Ela sempre reclama que, ela sente que sua mãe é completamente indiferente a ela. Ela tinha três meses de idade quando sua mãe ficou grávida de novo e, subitamente, parou de amamentá-la. Essa garota, até hoje, reclama desse acontecimento; ela acusa sua mãe; que sua mãe estava muito deprimida naquela ocasião.

**BION:** Estava o quê?

A: Deprimida, naquela ocasião quando ela tinha três meses de idade.

**BION:** É conveniente, também, ser capaz de culpar a mãe, mas, de fato, penso que o medo é de que a própria mãe seja uma escrava da existência, desse urge para existir, para que possa produzir um bebê – mas isso não é importante, ela pode produzir outro, logo depois. Se isso é bom para ela ou ruim para ela, não faz a menor diferença; ela tem de continuar produzindo bebês, da mesma forma que uma cadela tem de produzir cachorrinhos, e uma cadela tem de produzir cachorrinhos, da mesma forma que uma máquina de linguiça produz linguiça: elas apenas vão ser devoradas. Resumindo, poderíamos dizer: é uma força cega que não tem nenhuma preocupação com o que acontece com o indivíduo de nenhuma maneira; mortalidade infantil, mortalidade materna, nada disso importa – nada disso, nem um pouco.

A: Sobre o seu pai, ela me diz que sente que tem de ser uma filha bonita, uma criança carinhosa, sempre sorrindo. Ela também sente que seu pai invade sua privacidade – que seu pai a controla, exigindo coisas. Mas, ao mesmo tempo, ela me diz, que talvez o que ela me diz não é verdade, porque talvez sejam apenas seus sentimentos; talvez seu pai esteja sofrendo com sua doença; é apenas preocupação a respeito de sua situação. Mas, o que ela sente, é que ele a invade. Quando ele se levanta e põe sua mão nela, ela o rejeita e não consegue suportar nenhuma manifestação de carinho.

**BION:** Novamente, penso que esse mesmo sentimento existe em relação a seu pai e a sua mãe. O pai, também, é realmente sentido como um instrumento no progresso da existência. Eu repito essa palavra existência, mas estou, realmente, tentando descrever algo que não tem nenhuma característica humana. Portanto, desse ponto de vista, pode ser que o pai, novamente, seja um escravo da mesma força, e essas pequenas regras sobre incesto, etc., não importam. Portanto, é essa força... se o pai se submeter a essa força, ele irá, então, sem hesitação, seduzir sua filha, e irá querer seduzi-la a produzir mais bebês. É quase como: mais causas, mais bebês, mais abelhas, mais plantas e mais pessoas; mas, bem indiferente ao que acontece às pessoas, ou às plantas individuais. Se olharmos para isso historicamente: houve um tempo em que faraós, por exemplo, tinham relações incestuosas como um privilégio. Hoje em dia, não está na moda os pais terem relações incestuosas com seus filhos, mas penso que, tudo isso faz muito pouca diferença; incesto ainda existe, e a força por detrás disso é realmente sentida como muito poderosa; é muito mais poderosa do que o que chamamos de sexo, ou prazer sexual. Elas nos mostram, simplesmente, coisas inferiores das quais estamos cientes como seres humanos. A coisa fundamental é: essa força que é completamente indiferente ao indivíduo, planta ou animal. Portanto, penso que a paciente teria, primeiramente, medo de que a analista fosse apenas mais um desses objetos, o qual é um escravo dessa força – ou alternativamente, que a analista também esteja envolvida em uma guerra sem esperança pela existência individual, contra essa força maciça. De fato, eu não penso que ela tenha encontrado uma forma de mobilizar nada contra esse tipo de força onipotente.

**A:** Você pode repetir isso?

**BION:** Ela não consegue mobilizar nenhuma resistência contra essa força onipotente.

**A:** Sim, e...

**P2:** Você acha que esse é o seu problema, ou não?

**BION:** Penso que todos os seus problemas estão relacionados a esse. Todos os problemas individuais são, na verdade, facetas da mesma coisa. É como olhar para as próprias mãos, se você olhar para elas através de um microscópio, você vê células individuais – mas elas não são importantes; elas apenas se somam a uma totalidade a qual você chama de mão ou corpo. Portanto, a peça individual de vida – seja um cachorro, ou uma planta, ou um ser humano – é

## Reflexões sobre a concepção “Urge to exist” em Bion

simplesmente uma pequena partícula nessa existência total. A força não se importa com o que aconteça com essa partícula – do mesmo modo que você não se importa com o que acontece com uma de suas células quando sua pele descama; você nem sabe que desgastou aquela célula com o uso.

Estou entendendo que, para Bion, o “*Urge to exist*” seria uma força que usa o outro para realizar seus planos, sem nenhum respeito ou consideração, pois não há indivíduo, si mesmo. É indiferente aos meios para se atingir seu objetivo. Exemplo: procriação.

Associo esta ideia ao momento em que estamos vivendo: a Covid-19, nesta Pandemia. Estamos sendo usados pelo vírus para sua sobrevivência; não importa se estão morrendo milhões de pessoas. O vírus luta por sua sobrevivência, nada mais! Apenas necessita de um hospedeiro para se manter vivo e se replicar, independente se causará pneumonia e matará o hospedeiro. Não importa!

Tenho a impressão que Bion busca discriminar a força de sua percepção. Ou seja, discriminar o impulso – força, poder, energia – de sua apreensão psíquica: os sentimentos. Em meu entendimento, o *urge to exist* é uma força biológica/psicológica, força e sentimento. Temos que discriminá-la da “busca de existência” ( $\leftarrow\uparrow$ ) a que se refere Bion em Transformações.

Bion, antes de formular as conjecturas sobre mente primordial (entre 1976 e 1979), tentou fazer aproximações com os pródromos dos pródromos da vida mental, trazendo a ideia de tropismo da Biologia para a psicanálise. Ainda em Transformações (no capítulo 8), propõe-se a considerar que a existência de  $\leftarrow\uparrow$ , símbolo que representa “em busca de existência”, seria mental e com possibilidade de ser percebido sensorialmente. Nesse caso, “em busca de existência” estaria ligado a um tropismo.

Ele postula três tipos de tropismos: assassinato, parasitismo e criação. Para ele, “os tropismos são a matriz a partir da qual brota toda a vida mental” (2000, p. 48).

“Em busca de existência” como um tropismo de criação ou parasitismo parece-me um movimento a caminho de uma existência no campo mental, em busca de representações; um Elemento  $\beta$  em transformação pela função  $\alpha - \leftarrow\uparrow$ , como um tropismo de assassinato, busca destruir os objetos internos que já possuem uma existência, retirando deles toda a vida. Bion os situa em C3.

Vermote (2019) fez algumas aproximações sobre a visão, em seu entendimento, de Freud e Bion sobre tropismo. Diz ele:

“A percepção de uma conexão pode ser relacionada à consciência de Freud (Cs), que é definida por Bion como um tropismo. Um tropismo é um movimento involuntário espontâneo como o de uma planta em direção à luz. Bion considera que um (♀) busca e espontaneamente encontra um (♂) da mesma forma. A direção dessa Cs pode ser novamente marcada pelo movimento  $\leftarrow\uparrow$  na grade, o qual reflete um ♀ em busca de um ♂, e o que Bion chama de “em busca da existência”. Esse tropismo também pode ser negativo: um objeto interno ganancioso e destrutivo despido de significado; portanto ele é representado como  $-\leftarrow\uparrow$ . (p. 121)”.

Assim diz Bion em Transformações (2004b [1965], p. 126):

“O estado que representei por  $\leftarrow\uparrow$  é um estado que também posso representar em termos classificáveis como C3; assim:  $-\leftarrow\uparrow$  pode ser personificado por uma “pessoa” inexistente cujo ódio e inveja são tais que “ela” se dispõe a eliminar e destruir todo resquício de “existência” de qualquer objeto que possa ser considerado como “tendo” alguma existência a ser eliminada. Tal objeto inexistente pode ser tão apavorante que sua “existência” é negada, restando apenas “lugar onde ele estava”. Isto não resolve o problema, visto que o lugar onde ele estava, a não-coisa, é mais apavorante ainda, pois tem, como se assim pudesse ser, uma existência ainda mais negada, em vez de ter permissão para se fartar com qualquer existência que pudesse invejosamente encontrar. Negar a existência do “lugar onde ele estava” apenas piora as coisas, pois agora não se pode localizar o “ponto”, que designa a posição da não coisa.”

Tenho a impressão de que “em busca de existência”, como um tropismo, aproveita as turbulências e emerge pelas fendas abertas, pelo movimento de vida. A consciência começando a ganhar vida tem que se haver com imensa turbulência.

É necessário um continente que acolha, que transforme, dê vida por meio da consciência enso que o *urges to exist* é uma turbulência – “força, poder, energia” – que irrompe na mente consciente/inconsciente de modo dilacerante e não dá à pessoa a chance de se defender, pois é violento e destrutivo. Ele é e cria a turbulência, gerando terror e culpa.



## Reflexões sobre a concepção “Urge to exist” em Bion

Enfim, como já mencionado: Elementos  $\beta$  brutos, que não sofrem a transformação pela função  $\alpha$ . Cs e encontre uma comunicação que favoreça a construção de um continente que possa reter os conteúdos para que a vida mental possa ter existência.

Um continente forte que tem como assoalho uma relação continente/conteúdo firme, que forma uma condição de pensamento. Portanto, Elementos  $\beta$  que sofreram a transformação pela função  $\alpha$ , transformando-se em Elementos  $\alpha$  que constituem os elos para formação de pensamentos.

O tropismo de criação e parasitismo aproveita ou gera turbulências que encontram uma continência, portanto, dentro de uma dimensão em que há possibilidade de representação mental. Desse modo, a matriz do pensamento pode ser um Elemento  $\beta$  que sofre as transformações da função  $\alpha$ , levando ao desenvolvimento de pensamento.

Em seu sentido negativo –  $\leftarrow\uparrow$ , por inveja, busca destruir todo e qualquer sentido de movimento e vida. Entretanto, parece-me que o ponto importante de discriminação e diferenciação é que este movimento de “busca de existência” ( $\leftarrow\uparrow$ ) e sua destruição ( $-\leftarrow\uparrow$ ) se dão na dimensão de K, como postulou Bion anteriormente, em C3 da grade.

Uma “conjunção constante de relações” sintetizada por Bion (p. 124):

Cs (A1) tem a natureza de um tropismo. Envolve  $\psi$  ( $\xi$ ) naquilo que ( $\xi$ ) procura por saturação. Esta consciência é uma consciência de uma falta de existência que demanda uma existência, um pensamento em busca de um significado, uma hipótese definitiva em busca de uma realização que dela se aproxime, uma psique procurando por uma habitação física que lhe dê existência, ♀ procurando ♂.

Eu acrescentaria: um conteúdo procurando um continente...

O *urge to exist* é uma força cega, violenta e destrutiva que brota na dimensão de O, na mente primordial. Penso ser um Elemento  $\beta$  que não sofre as transformações da função  $\alpha$ ; ele é evacuado, atuado independentemente da vontade do indivíduo, caminha nos primórdios da formação do pensamento na mente primordial, ou seja, irrompe da mente primordial na mente simbólica e busca uma realização sem consideração com o indivíduo. Ao ler este trabalho, Bernadete C. de Assis indagou: “a força aproveita as turbulências ou cria as turbulências?”

Gisèle de Mattos Brito

Ou ainda, o *urge to exist* é a turbulência?”. Penso que o *urge to exist* é a própria turbulência, “força, poder, energia”, que irrompe na mente consciente/inconsciente de modo dilacerante e não dá à pessoa a chance de se defender, é violento e destrutivo. Ele é e cria a turbulência, gerando terror e culpa. Seriam Elementos  $\beta$  brutos, que não sofrem a transformação pela função  $\alpha$ .

### ***Urge to exist* e a cesura**

Conjecturo que a *cesura* seja o melhor conceito para nos ajudar iluminar a área na qual Bion está examinando. Em “*On Quotation from Freud*”, sobre se ‘haveria mais continuidade entre a vida intrauterina e a impressionante *cesura* do ato do nascimento que nos faria acreditar’, Bion se indaga: “Como se fosse a cesura que nos regesse”. (1976, p. 234, tradução nossa). Em 1977, Bion define *cesura* como um corte, uma pausa. Lopes Corvo (2003), no dicionário de Bion, diz:

Bion estende a metáfora para incluir a existência de um limiar que une/ separa ou separa / penetra diferentes dimensões descritas como semelhanças de diferenças; por exemplo, a resistência na comunicação psicanalítica (1987, p.298) à interação entre boca e seio, vida intrauterina e vida adulta, entre o indivíduo e o casal ou entre as culturas orientais ou ocidentais. (p.51, tradução nossa)

A *cesura* une e separa ao mesmo tempo; marca uma separação, assim como uma continuidade. Este é um paradoxo que pode iluminar o que estamos buscando refletir. Se a *cesura* nos governa, ela nos impõe a necessidade de lidarmos com este paradoxo, qual seja a possibilidade de que traços, ou vestígios dessas experiências vividas pelo bebê, possam ter continuidade em nossa vida somato psíquica, seja ela do soma para o psíquico, ou do psíquico para o soma. A *cesura* é o vínculo, a sinapse (Bion, 1977).

Quando Bion lança mão à pintura de Picasso para nos falar da *cesura*, ele diz:

Picasso pintou um quadro em um pedaço de vidro para que pudesse ser visto dos dois lados. Sugiro que a mesma coisa pode ser dita da cesura: depende de que lado você a olha, de que

## Reflexões sobre a concepção “Urge to exist” em Bion

maneira você está viajando. Transtornos psicossomáticos ou soma psicótico – faça sua escolha - o quadro deve ser reconhecidamente o mesmo, quer você olhe para ele da posição psicossomática ou da posição soma psicótica. (1976, pág. 234)

Penso que podemos conjecturar que as experiências vividas pelo bebê dentro do útero, assim como, os tropismos, pensamentos primordiais Bion(1978) são forças poderosas que buscam se manter vivos, buscam ganhar vida na mente consciente/inconsciente, buscam sua sobrevivência. Sandler (2005) nos chama a atenção quando diz: “A cesura procede à cisão quando não é tolerada”, (p.10, tradução nossa).

Minha impressão é de que a *cesura* seria como um vínculo a iluminar toda essa área da mente inacessível e primordial, assim como da mente mais organizada consciente/inconsciente. Mais do que isso! Ela nos governaria dependendo de nossas possibilidades ou não de tolerá-la.

Como desenvolvi recentemente no estímulo para as ‘Conversas Psicanalíticas’(Brito, 2021b) e em “Entre Luz e Sombras: Conjecturas sobre a mente primordial”, Bion se movimenta e tem como modelo o par: dentro/fora, consciente/inconsciente, sanidade/insanidade. Investigarmos o vínculo, a sinapse, o par. “A unidade é o par”. A cesura como um espelho transparente, como propõe Bion, presente na fronteira entre corpo e mente pode favorecer essa passagem de algo do soma para o psíquico e do psíquico para o soma.

Em conversa pessoal com João Carlos Braga ele destaca que no seu entender, Bion teria procurado manter as vertentes biológicas e psicológicas separadamente, e diz:

“Penso que Bion procurou, cuidadosamente, aproximar o que surge separadamente, reconhecendo que seu método se baseia em aproximar do pensamento psicanalítico o que fica acessível na experiência do analista na sessão analítica [uma experiência emocional que evolui em K] e descrevê-lo, fazer analogias, criar o clima onírico para que possam haver transformações em representações.”

Ou seja, o meio em que busca desenvolver conjecturas imaginativas para possíveis conjecturas racionais é psicológico e não pulsional. Como bem pontua Braga: “Ele escolheu o caminho da discriminação, do reconhecimento que o útil para o analisando é ele mesmo criar

Gisèle de Mattos Brito

esta dimensão onírica”. A qualidade terrífica dessas vivências, que precisarão ser contidas e pensadas pelo par analítico, assim é determinada pela precocidade com que invadem a mente nascente do bebê ainda no útero; ao mesmo tempo, são também terríficas por não serem transformáveis em pensamento.

Em meu entendimento, o *urge to exist* como “força, poder e energia” é biológico/psicológico, somático/psíquico, fica nesta fronteira, é um Elemento  $\beta$  bruto que se impõe e se faz presente, aproximando a filogênese da ontogênese. Ele é biológico e psicológico e permeia a dimensão de O.

### **Material clínico**

Maria, quando me procurou, estava profundamente deprimida e com muito medo de se matar. Se sentia um verme, uma pessoa de existência insignificante. Sentia uma culpa avassaladora. Não aceitava tomar medicação, pois não acreditava na mesma; temia ficar dependente da medicação e sem uma compreensão do que se passava com ela. Ao longo de muitos anos de análise, temos vivido momentos de muito sofrimento e outros de um certo desenvolvimento e crescimento, que não parecem se sustentar. A impressão é que tudo é lavado por uma força mortífera.

Na sessão que antecedeu ao primeiro fragmento que discutirei aqui, havíamos conversado sobre a carta de uma leitora a Rubem Alves. Na carta, a leitora diz que ela conseguiu perceber que teria o direito de ser feliz, de ter uma existência, a partir da leitura de trechos do escritor. Nesta sessão, ela retoma o tema. Começa dizendo que ficou pensando na carta escrita para o Rubem Alves e em como aquela carta era dela, como se identificava com a moça. Maria lê para mim o trecho abaixo:

Não dormi. O que aconteceu comigo? Sinto a todo momento que sou um ser que não aceita ser o que é. Sou um poço de mentiras. Sou um poço de ilusões. Crio situações medíocres para me motivar... Você é a pior coisa que existe... não tenho coragem de me matar, por medo de sentir dor, e então fico aqui, sendo um robô, sem motivos algum para viver...”. (Esforce-se por ser feliz – Rubem Alves).

## Reflexões sobre a concepção “Urge to exist” em Bion

**Maria:** A diferença é que não tenho medo da dor; o que ainda me segura é o amor de meus pais e o meu amor por eles, por minha família.

Conta-me o quanto se sentia insignificante e decepcionada consigo mesma ao pensar que todo o crescimento que parecia ter tido, na verdade, não havia ocorrido. Fala-me do cuidado e da atenção dos pais com ela, de como eles estão sempre buscando indiretamente conversar com ela sobre seus sofrimentos, mas sem falar diretamente, com todo cuidado.

**Maria:** Hoje mamãe veio me falar do filme que eles assistiram no Netflix sobre a história de um cachorro ... e disse: você vai gostar, precisa assistir. O filme fala da relação tão importante entre o homem e o cachorro que o ajudou a se sentir pertencendo. Silêncio longo... eu perguntei para o papai se ele conhecia alguma pessoa que involuiu, ao invés de crescer foi involuindo na vida. Fico com a impressão assim: que eu estou involuindo.

Digo algo mais ou menos assim: E aí você encontra mais motivos para se culpar, para se punir, quando não se sente podendo crescer, como se não pudesse aproveitar da minha companhia e da de seus pais para se sentir com direito de existir, de crescer.

Conversamos sobre não ser o crescimento linear, de que havia que se tolerar ondulações, turbulências. Passado um tempo ela diz: *Lembrei-me da Consoada de Manuel Bandeira*, e recita a mesma, de cor:

Quando a Indesejada das gentes chegar  
(Não sei se dura ou caroável),  
Talvez eu tenha medo.  
Talvez sorria, ou diga:  
- Alô, iniludível!  
O meu dia foi bom, pode a noite descer.  
(A noite com seus sortilégios.)  
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,  
A mesa posta,  
Com cada coisa em seu lugar.

Gisèle de Mattos Brito

– O problema, Gisèle é que não sinto que cumpri a minha missão.

Digo: Bem, então há uma esperança. Estamos juntas e trabalhando para que você possa reconhecer a pessoa que é: a pessoa atenta e cuidadosa, a filha amorosa e dedicada. A vida está aqui presente; a morte, nós não sabemos quando virá. Sua missão é a vida que se desdobra, hoje, agora e que te traz aqui para comigo trocar.

Longo silêncio. Chora baixinho...

### **No dia seguinte – Segundo fragmento**

Maria começa a sessão me falando que teria pensado em nossa conversa da sessão anterior. Pensou sobre sua necessidade de perfeição e que isso a fez pensar em algo que teria lido da Eva Pierrakos, sobre culpa e perfeição, e diz: *Fico pensando, o que falta em mim?* Pergunto para ela, quando ela fazia essa pergunta para si mesma: *o que a faz pensar?*

Diz:

Eu não sei. O que eu sinto é culpa, culpa; mas minha culpa é anterior, não me culpo simplesmente por não ser perfeita. Sei que muitas vezes eu vejo e não aprendo, como descreveu a Eva, vejo o mesmo em mim. Sim, muitas vezes sinto que tudo que é meu é um problema. Adoraria ser boa em tudo, perfeita. Como sei que não posso, fico migalhando o olhar do outro. Não consigo enxergar nem meu resto. Ela fala que o que faz mudar é o amor, quando você é capaz de amar. Eu não me sinto capaz de amar. Quero mudar para me sentir melhor, porque quero, não porque amo. Eu não amo, não agradeço.

Digo então para ela algo no sentido de que via na fala dela uma dureza tão grande, uma violência tão forte, que até o sentimento de amor, que ontem mesmo dizia existir na relação dela com os pais, que a fazia não pensar em se matar, hoje já sentia como não existindo mais. Vejo-a se debatendo num sentimento de culpa por achar que não seja uma boa pessoa, capaz de amar.

## Reflexões sobre a concepção “Urge to exist” em Bion

Digo que eu a entendia quando ela falava que sua culpa era anterior; que eu sentia ser algo que ela carregava uma vida inteira e que a impedia de ter, por ela mesma, um sentimento de compaixão, de poder se olhar com um olhar benigno.

Ela diz que, no momento em que perguntei sobre o que a faz pensar, ela não tinha dado resposta porque havia pensado que não sabia se amar e não poderia existir. E me diz:

... você não imagina o esforço diário que faço para existir. Não tenho fome; sinto-me cada vez mais magra. Como se procurasse a todo tempo ficar invisível. Desde pequena eu desejo ser invisível aos olhos dos outros. Sempre acho que tudo que faço não é bom. Tão diferente do Padman.

Conta-me então a história do filme indiano chamado Padman; fala que é a história real de um homem na Índia que, ao descobrir que as mulheres, no período menstrual, não tinham disponíveis absorventes higiênicos, e que viviam a humilhação de se sentirem impuras e serem afastadas do convívio durante o período da regra, fica indignado e obcecado e desenvolve uma máquina para fazer absorventes. Conta-me que este homem foi parar na ONU, ganhou um prêmio por sua atuação e ajuda em defesa das mulheres.

Ela diz:

Ele sabia quem era ele. Eu fiquei pensando em como ele se ama. Nada o impedia de ter sonhos. Muito diferente de mim Gisèle. Eu gasto uma energia assombrosa repetindo a mesma coisa, mantendo o mecanismo e me impedindo de viver.

Pergunta-me se eu tinha visto que uma menina de 11 anos havia tentado se matar na semana passada e outro menino de 10 anos que conseguiu se matar. Eu digo que sim. Ela diz: Fico pensando que tanto essa menina está longe dela mesma, que fragmentação. O quanto ela precisa de ajuda. Que violência interna! Já imaginou o poder desse mecanismo?

Digo:

Gisèle de Mattos Brito

Essa é a pergunta que não podemos calar! Como bloquear esse mecanismo, que temos visto te fazer sentir tanta culpa, e que te impede de existir? E como você me aponta, pode conseguir destruir a sua vida? Eu te pergunto: como olhar para você com o mesmo olhar de amor e de compaixão, que vejo agora, que olha para esta menina e para este menino?

Digo ainda, que minha impressão não era de que faltava amor, capacidade de amar a ela. Mas que faltava sim, o reconhecimento da pessoa que ela era e de sua capacidade de amar. Ficamos em um silêncio longo.

Então eu digo: Seria este silêncio um repouso, um descanso neste sofrimento louco por uma luta por existir?

Ela diz:

Acho muito pouca diferença entre estar viva ou morta. Guardadas as diferenças, acho que eu e 'a menininha já infringimos um sofrimento imenso a nós mesmas. Esse turbilhão me tira da minha vida o tempo todo. Tiro-me de existir o tempo todo. Sinto que ela precisa muito de ajuda, tem apenas 11 anos, precisa de análise. Não a olho como fracassada. A mim, me vejo como fracassada. Tenho mais de x anos.

Questiono o porquê.

Ela diz:

Eu sinto, eu olho e não aprendo. Minha mãe esses dias me perguntou: o que aconteceu? Você estava crescendo tanto com a Gisèle, estava tão melhor! O que aconteceu para regredir dessa forma? Eu disse para ela que eu não sabia; eu não sei mesmo Gisèle.

Digo algo mais ou menos assim: Sim, eu entendo. Sinto seu desespero e sua luta entre a esperança de que análise aqui comigo possa te ajudar; ao mesmo tempo, sinto seu temor de que essa esperança seja vã. De que nada possa adiantar. É uma luta enorme para existir e deixar de existir que você trava, todos os dias, a um longo tempo. Eu entendo o quão cansada



## Reflexões sobre a concepção “Urge to exist” em Bion

e desesperada se sente e, nesta hora, a vejo sentindo raiva, ressentida com você e mais uma vez se culpando: *eu olho e não aprendo*.

Sinto Maria, que o problema não é falta de competência sua ou minha – ou ainda nossa, como parceria – mas que estamos frente a forças poderosas que estamos lutando para conhecer, cada dia um pouquinho mais.

Ela diz: Obrigada Gisèle por estar comigo.

Escuto-a chorando. Sinto-me profundamente tocada e triste.

### Discussão

A experiência clínica com Maria e com outros pacientes me fez perceber a dificuldade de que essas vivências encontrassem certa possibilidade de elaboração, entretanto, sem que se percebesse muitas vezes o gatilho, como em um tsunami, lavavam muito do que fora construído. Sinto que esses pacientes, como Sísifo, percorrem comigo um caminho.

Conseguimos contenção de angústias que se desdobram em pensamentos, aparentes elaborações e, de repente, angústias avassaladoras, dilacerantes, eivadas de uma culpa delirante, que irrompem e destroem muito do trabalho realizado; temos a dolorosa sensação de terra arrasada. Pouco a pouco vamos limpando, juntando os pedaços e caminhando.

Minha compreensão dos Elementos  $\beta$  como matriz do pensamento pôde iluminar esta questão por um outro vértice. A ideia de que podemos nos deparar com esses elementos que não sofrem transformação pela função  $\alpha$  e que irrompem na mente consciente/inconsciente aproxima-se da experiência clínica com esses pacientes, a vivência desses aspectos da mente primordial.

O *urge to exist* como uma força cega, violenta e destrutiva que brota na dimensão de O, na mente primordial. Penso ser um Elemento  $\beta$  que não sofre as transformações da função  $\alpha$ ; ele é evacuado, atuado independentemente da vontade do indivíduo, caminha na origem da formação do pensamento na mente primordial, ou seja, irrompe da mente primordial na mente simbólica e busca uma realização sem consideração com o indivíduo.

Gisèle de Mattos Brito

Penso que o *urge to exist* é uma turbulência — “força, poder, energia” — que irrompe na mente consciente/inconsciente de modo dilacerante e não dá à pessoa a chance de se defender, pois é violento e destrutivo. Ele é e cria a turbulência, gerando terror e culpa.

Enfim, como já mencionado: Elementos  $\beta$  brutos, que não sofrem a transformação pela função  $\alpha$ . Vermote assinala: “O de Bion é sobre ser, pura experiência; o K de Bion é sobre um contato com a realidade incognoscível pelo pensamento inconsciente” (2019, p. 175). No caso clínico aqui apresentado, Maria é atravessada por uma culpa avassaladora que lhe rouba a existência, que atua como um impedimento sempre presente. Sinto que a morte nos espreita, que percorremos caminhos que estão além de impressões conscientes e inconscientes, que despertam uma culpa terrífica somada a uma violência avassaladora. E como disse para ela: estamos frente a forças poderosas que estamos lutando para conhecer, cada dia um pouquinho mais...

Continuamos caminhando...

## Reflexões sobre a concepção “Urge to exist” em Bion

### Referências

- Alves, R. (2014). *Esforce-se por ser feliz*. In R. Alves. A grande arte de ser feliz. Planeta.
- Bandeira, M. (2013). *Consoada*. In M. Bandeira. Antologia poética. Global.
- Bion, F. (Ed.). (1981). *A key to “A memoir of the future”*. Clunie Press.
- Bion, W. R. *Making the best of a bad job*. In F. Bion (Ed.). Clinical Seminars and Four Papers. Fleetwood Press, 1987 [1979].
- Bion, W. R. (1976a). *Emotional turbulence*. In W. R. Bion. (Ed.). Clinical seminars and four papers. Fleetwood Press.
- Bion, W. R. (1976b). *On a quotation from Freud*. In W. R. Bion (Ed.). Clinical seminars and four papers. Fleetwood Press.
- Bion, W. R. (1976c). *Evidence*. In W. R. Bion (Ed.). Clinical seminars and four papers. Fleetwood Press.
- Bion, W. R. (1977). *Cesura*. *Rev. Bras. Psicanálise*, 15(2), pp. 123-36.
- Bion, W. R. (1996). *Uma memória do futuro: o passado apresentado*. Imago.
- Bion, W. R. (2000). *Cogitações*. Imago.
- Bion, W. R. (2004b). *Transformações: do aprendizado ao crescimento*. Imago. Publicado em 1965.
- Bion, W. R. (2016). *Domesticando pensamentos selvagens*. Blucher.
- \_\_\_\_\_ (1973-1978) *Supervisões de Bion*, S11, A5, S12, A35. Em processo de publicação.
- Braga, J. C. (2020) *Desenvolvimentos sobre o conceito de Superego na Obra de Bion*.
- Braga J. C & Brito G. (2019). *Intuição em Palavras Coloquiais de Bion* (Supervisões Brasileiras, 1973-1978). Bion International Meeting 2020. Barcelona, janeiro de 2020.
- Brito, Gisèle (2020). *Comentários ao trabalho de João Carlos Braga “Desenvolvimentos sobre o conceito de Superego na Obra de Bion*. Apresentado em reunião Científica no Grupo de Estudos de Psicanálise de Curitiba.

Gisèle de Mattos Brito

\_\_\_\_\_ (2021). *Conjecturas sobre o par Intuição e Experiência emocional*. Estímulo apresentado nas Conversas Psicanalíticas em maio de 2021. Em processo de publicação.

\_\_\_\_\_ (2021). *Entre Luz e Sombra: Conjecturas sobre a mente primordial*. Trabalho apresentado em junho de 2021 no Instituto Bion. Em processo de publicação.

\_\_\_\_\_ (2023) *Comentários à Supervisão de Bion, C A12*. The Clinical Thinking of W.R.Bion In Brazil. Ed by Howard Levine, Gisèle Brito e José Américo Junqueira de Mattos. The Routledge Wilfred R. Bion Studies Book Series. Freud, S. (1912). *Notas Sobre o Inconsciente em Psicanálise*. E. vol. XII, Imago Ed, Rio de Janeiro 1970.

\_\_\_\_\_ (1923). *Além do Princípio do Prazer*. E. vol. XVIII, Imago Ed, Rio de Janeiro 1970.

Junqueira & Braga (2009) *Consciência Moral Primitiva: um vislumbre da mente primordial*. Trabalho apresentado no Encontro Internacional de Bion 2009 em Boston. Publicado em Inglês: *Growth and Turbulence Container/Contained. Bion Continuing Legacy-2013. Edited by Howard B. Levine and Lawrence J. Brown*. Também publicado Revista Brasileira de Psicanálise, v. 43 (3). Junqueira & Braga

López-Corvo, R. E. (2003). *The dictionary of the work of W. R. Bion*. Karnac Books.

Sandler, P. C. (2005). *The Language of Bion. A Dictionary of Concepts*. Karnac Books, London.

Vermote, R. (2019). *Reading Bion*. In D. Birksted Breen. Teaching series: the new library of psychoanalysis series. Routledge.